

**observatório,
universitário**

*Rankings Internacionais: a irresistível polêmica
em torno de seus sentidos e metodologias.*

Documento de Trabalho n.º 97

Ivanildo Fernandes

Edson Nunes

Setembro de 2011

Este documento consolida pesquisa realizada pelo Observatório Universitário, para compor capítulo mais conciso sobre este tema, organizado por Edson Nunes. Créditos à pesquisadora Julia Vogel de Albrecht, que fez um esboço inicial deste documento e à pesquisadora mexicana Gloria Araceli García Miranda, vinculada à Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, situada na Cidade do México, México, que forneceu vasto material.

O Observatório Universitário alia, de forma sistemática, pesquisas acadêmicas, multidisciplinares, com a execução de iniciativas voltadas à solução de problemas práticos inerentes às atividades da educação superior e sua relação com a regulação governamental. A série Documentos de Trabalho tem por objetivo divulgar pesquisas em andamento e colher sugestões e críticas para aperfeiçoamento e desdobramentos futuros.

Observatório Universitário

Databrasil – Ensino e Pesquisa

Autoria

Ivanildo Fernandes

Edson Nunes

Coordenação

Edson Nunes

Equipe Técnica

André Magalhães Nogueira

David Moraes

Helena Maria Abu-Mehri Barroso

Ivanildo Ramos Fernandes

Camila da Silva

Maria Cristina d' Almeida Moretz

Márcia Marques de Carvalho (associada)

Rua da Assembléia, 10/4208 – Centro

20011-901 – Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax.: (21) 3221-9550

e-mail: observatorio@observatoriouniversitario.org.br

<http://www.observatoriouniversitario.org.br>

Sumário

<i>Anotações preliminares</i>	4
<i>Detalhando a metodologia dos rankings</i>	5
Tabela 1. Taxonomia dos rankings acadêmicos - European University Association.....	5
Academic Ranking of World Universities -ARWU	6
World University Ranking-WUR.....	7
Webometrics	10
Performance Ranking of Scientific Papers for World Universities	11
Q&S World University Rankings	12
Top Universities by Reputation – Times Higher Education	13
Tabela n° 3. Instituições top25 nos quatro rankings mais destacados, ordenadas segundo a posição obtida no Academic Ranking of World Universities – ARWU.....	13
Tabela 4. Posição dos países nos cinco rankings mais destacados.	15
<i>A visão de Especialistas em rankings internacionais</i>	16
<i>Posição de organismos internacionais sobre os efeitos dos rankings</i>	19
Gráfico 1. Proporção de universidades consideradas nos rankings globais vs número total de universidades no mundo.....	20
<i>Prestígio acadêmico e prestígio econômico: a situação dos BRIC's</i>	22
Tabela_5. Associação entre rankings acadêmicos e rankings de desenvolvimento dos países.	23

Anotações preliminares

“Not everything that counts can be counted, and not everything that can be counted counts”. Albert Einstein.

Rankings internacionais têm se destacado cada vez mais na paisagem educacional, em consequência, importantes organizações e renomados especialistas passaram a analisar suas metodologias e questionar os critérios adotados. Estas classificações têm causado alguns constrangimentos às instituições de educação superior, mas não se podem negar os benefícios colaterais resultantes da acirrada competitividade que também promovem.

Já tivemos a oportunidade de frisar, em outros estudos do Observatório Universitário, que quando tudo é objeto de comparação, torna-se freqüente obter resultados medíocres, visto que a enorme variedade de casos exige comparações sistemáticas, aos pares, às vezes, multivariadas, outras, como acontece nos rankings, um coloca-se um caso (o referente) contra os outros (os referidos)¹. Em variadas situações também ressaltamos que o problema da comparação é fundamento crucial das ciências sociais, muito bem recepcionado nas ciências humanas. Tanto se compara por similitude, quanto por dessemelhança; tanto se compara diacronicamente quanto sincronicamente. As dificuldades eventuais convertem-se em incentivos para que se aperfeiçoem as metodologias de comparação ou, para ocultar a memória de cálculo. Mas não existe outra maneira de progredir nas ciências sociais empíricas do que a comparação, que permite a efetiva desparouquialização daquilo que pensamos, ou pensamos ser correto. Nada mais pertinente, já que agora queremos entender as classificações e comparações advindas dos rankings.

Dentre as instituições que se dedicaram a entender a mecânica e efeitos dos rankings, destacam-se os estudos promovidos pelo Diretório Geral de Investigação de base universitária da Comissão Européia, pela European University Association - EUA, pelo Espaço Europeu do Ensino Superior - EEES e Espaço Europeu da Investigação - EEI, estes dois últimos integrados ao Processo de Bolonha, além do Center for Higher Education - CHE, da Dinamarca e da própria OECD, entre outros. Estes movimentos institucionalizados acontecem quase que unicamente na Europa, embora estudiosos das mais diversas nacionalidades já tenham se manifestado quanto aos efeitos deletérios destas classificações.

Este documento, considerou, primeiro, as informações publicadas pelos próprios promotores dos rankings; depois, foram cotejadas suas metodologias à opinião de organizações e renomados especialistas. No caso, identificam-se pertinentes e reativas críticas às metodologias adotadas, mas também há posicionamentos sobre o caráter benéfico desse fenômeno classificatório, ou “comparatório”, como diria Dias Gomes, na fala de Odorico Paraguaçu.

Por fim, apresenta-se uma seção adicional, que não trata exatamente dos rankings acadêmicos, mas da capacidade competitiva dos países que abrigam as melhores instituições, ou dos países que ainda buscam possuí-las, como os BRICs. Justifica-se este capítulo em virtude da máxima de que a Educação Superior, e conseqüentemente as Universidades, são os motores do desenvolvimento. Sendo verdade, relacionamos outros rankings que medem os desenvolvimento e

¹ O discurso da comparação está mais bem explicitado em: **O Banco Mundial e o Nelson Rodrigues: ou a unanimidade burra e o anjo pornográfico.** Revista Insight Inteligência. Ano1, nº 1. nov. dez. 1997/jan. 1998. Disponível em www.observatoriouniversitario.org.br. Na guia publicações/artigos de revistas.

riqueza de 25 países que abrigam importantes universidades, todas *top* nos rankings acadêmicos, e também de outros países cujas economias se impõem no cenário internacional. (ver tabela 4) Pretendemos, com isto, instar uma reflexão de como as universidades, “de ponta”, ou a ausência delas, contribuem na posição que, hoje, estes países ocupam no cenário econômico. Estariam as universidades dissociadas da realidade que as circundam?

O documento não apresenta conclusões, ou considerações finais, e não pretendia mesmo fazê-lo, já que seu intuito é tão somente reunir elementos que contribuam com o debate em torno desse irresistível fenômeno (que é humano antes de ser institucional) que são as classificações e comparações de melhor-pior; bom-ruim.

Detalhando a metodologia dos rankings

Selecionamos os rankings acadêmicos mais destacados, para que se possam detalhar seus critérios e metodologias. Para tanto, recorreremos à taxonomia feita pela European University Association-EUA. A saber:

Tabela 1. Taxonomia dos rankings acadêmicos - European University Association.

Rankings acadêmicos com o objetivo principal de produzir tabelas classificatórias das universidades	Rankings que se concentram somente no desempenho da pesquisa (com ou sem tabelas classificatórias)	Multirankings que usam uma série de indicadores sem a intenção de produzir tabelas classificatórias	Web rankings	Rankings comparativos, com base em resultados de aprendizagem
Academic Ranking of World Universities (ARWU), promovido pela Shanghai Jiao Tong University	Leiden Ranking, promovido pela Leiden University	CHE Ranking, promovido pela Centre for Higher Education - CHE	Webometrics Ranking of World Universities, promovido pelo National Research Council of Spain.	Assessment of Higher Education Learning Outcomes Project - AHELO - promovido pela Organisation for Economic Cooperation and Development - OECD.
World University Ranking – WUR, promovido pela Times Higher Education.	Assessment of University-Based Research, promovido pelo AUBR Working Group, da European Commission.	-----	G-factor, promovido pelo Google.	-----
World’s Best Universities Ranking, promovido pela Quacquarelli SymondsQ&S, em parceria com a US News & World Report.	Performance Rankings of Scientific Papers for World Universities.	U-Multirank, European Multidimensional University Ranking System, promovido pelo AUBR Working Group, da European Commission.	-----	-----
Reitor Global Universities Ranking, promovido pela Lomonosov Moscow State University.	-----	U-MAP, promovido pelo Centre for Higher Education Policy Studies-CHEPS / University of Twente, the Netherlands	-----	-----

Obviamente, não foram considerados nesta classificação muitos outros rankings, que ainda estão se estruturando ou que não têm notória legitimidade pública, além daqueles de caráter local/regional, afinal, como já sinalizado pela Comissão Européia, atualmente 33 países adotam alguma forma de sistema de classificação. Então, optamos por especificar as metodologias dos rankings de maior projeção pública, com especial ênfase naqueles pertencentes ao primeiro grupo, Academic Ranking of World Universities -ARWU e World University Ranking-WUR.

Academic Ranking of World Universities -ARWU

O ARWU é promovido desde 2003 pela *Shanghai Jiao Tong University / Shanghai Rankings Consultancy*, desde então publicado sempre no mês de agosto. Ele distingue 500 universidades que mais se destacaram em termos de desempenho acadêmico, nos critérios que considera (ver quadro abaixo). Seu propósito inicial era medir a distância entre as universidades chinesas e as de “classe mundial”. Foi citado pela Revista *The Economist*, como sendo “coerente e transparente”, contudo, os ministros da Educação da França, Noruega e Dinamarca viajaram para Jiaotong University a fim de discutir e encontrar formas de melhorar este ranking. Não obstante, o pesquisador Martin Andler², publicou artigo, comentado em seção própria, à frente, no qual esmiúça sua metodologia a aponta uma série de fragilidades. Entre outros critérios, o ARWU inclui números de artigos publicados pelas Revistas *Nature* ou *Science* e número de Prêmios Nobel, além de Fields Medals, em Matemática. Uma das principais críticas à metodologia deste ranking é que ele está inclinado às ciências naturais e revistas científicas de língua inglesa, sobre outros assuntos.

Segundo o Relatório n° 442³ do Senado francês, o ranking em questão pode ser visto como um sintoma do gosto chinês pela ordenação e classificação, pois nele, “*tudo está em um lugar definido, em uma hierarquia especial, inserida em outra hierarquia de nível superior*”. Também reflete um desejo, mais político, para participar da definição de normas globais. (pg 37). Neste propósito, o relatório também enfatiza que pretende se tornar uma ferramenta universal de comparação, não só das instituições, mas entre países. O método de classificação da Universidade de Xangai é baseado na vontade de usar indicadores objetivos, a partir de fontes externas às universidades e verificáveis por todos, o que limita sua série de indicadores, que apenas dizem a respeito da pesquisa, sem qualquer consideração sobre o ensino e as oportunidades profissionais.

Tabela n° 2. Indicadores e pesos do Academic Ranking of World Universities –ARWU.

Critério	Indicador	Detalhes sobre a fonte do indicador	peso
Qualidade da Educação	Ex-alunos que receberam o Prêmio Nobel ou Fields Medals.	Ex-alunos são definidos como aqueles com formação na instituição. O peso é aplicado dependendo da data de obtenção do grau: se o grau é mais recente, é atribuído um peso elevado. Os Prêmios Nobel foram concedidos desde 1901 em medicina, física, química, literatura e paz; desde 1968 na economia. As Medalhas por disciplina, criadas desde 1936, são atribuídas pelo Congresso Mundial de Matemáticos. Ele reconhece mais de 4 especialistas em Matemática.	10%
Qualidade dos professores	Membros de equipe universitária que receberam Prêmios Nobel ou Fields Medals	Critério de medida na data em que o prêmio é atribuído. Apenas são considerados os Prêmios Nobel de Física, Química, Medicina e Economia, e as Fields Medals para a matemática. Os pesos são alocados com base na data da obtenção do prêmio, mais recente, mais alto é o peso.	20%
	Número de pesquisadores mais citados, em 21 áreas de pesquisa.	O ranking internacional dos pesquisadores mais citados é estabelecido pelo ISI (Institute for scientific information1) em 21 áreas de investigação das Ciências da Vida, da medicina, física, engenharia e ciências sociais. (http://www.isihighlycited.com/) O ISI é derivado do Thomson Scientific, parte da Thomson-Reuters	20%

² Andler, Martin. **Les surprises du classement Q&S pour les mathématiques.** 2011. Disponível em <http://jfmela.free.fr/jfmblog/?p=226>. Acesso em 19 ago 2011.

³ BOURDIN M. Joël. **Enseignement supérieur: le défi des classements.** Rapport d'inform. n° 442 (2007-2008). 2008.

		(líder mundial em domínio da informação).	
Resultados das atividades de pesquisa	Artigos publicados na Nature ⁴ e Science.	Número de artigos publicados nessas revistas entre 2002 e 2006. Os pesos são aplicados de acordo com a ordem dos autores. Para as instituições especializadas em ciências sociais, este critério não é levado em conta e seu peso é redistribuído em outros critérios.	20%
	Artigos internacionalmente referenciados	Número total de artigos identificados pelo ISI (Institute for scientific information ¹) em periódicos considerados como referência. Estes artigos estão listados em duas bases de dados bibliográficos: - Science Citation Index Expanded-(SCIE) na ciência; - Social Sciences Citation Index (SSCI) para ciências sociais. A ponderação dos dois é dada aos artigos publicados neste domínio.	20%
Desempenho <i>per capita</i>	Desempenho acadêmico relacionado ao tamanho da instituição	Este teste é utilizado para ponderar o desempenho mensurado em outros indicadores, em função do tamanho da instituição, medido em termos de empregos equivalentes a tempo integral (quando tal informação é disponível).	10%
Total			100%

Fonte: Relatório nº 442. Senado da França. (pg 39)

World University Ranking-WUR

Publicado desde 2004⁵, sempre no mês de outubro, é uma iniciativa da *Times Higher Education – THE*, com lista hierarquizada de 200 universidades, classificadas em duas grandes categorias, por regiões continentais⁶ e por cinco grandes áreas do saber⁷. Sua diferença em relação ao ranking da Universidade de Xangai, é que este não é baseado somente na avaliação da pesquisa, mas também do ensino. Também não se fundamenta apenas em fatores objetivos, como o da Universidade de Xangai, pois considera as opiniões de profissionais sobre a reputação das IES.

Tendo por objetivo fomentar a credibilidade de seu *ranking*, que originalmente atribuía grande peso às avaliações de pares, a Times, a partir de 03/06/2010, trocou de parceiro (saiu a Quacquarelli Symonds - Q&S e entrou a Thomson Reuters) e passou a adotar nova metodologia, com treze indicadores, projetados para capturar ampla gama de atividades, desde ensino e pesquisa e transferência de conhecimento. O método anterior, pautado na reputação das IES equivalia a 40% da pontuação geral mostrou-se falho, incluindo o painel muito pequeno de consultoria. Uma seqüência de amplas consultas atualizou os seus critérios, e o novo parceiro, Thomson Reuters, que produz, entre outras coisas, o *Science Citation Index*, agregou ao ranking da Times a reputação que usa em parte dos seus outros estudos, além de outros aspectos como bibliometria, a internacionalização do ensino...

Assim, foram incorporadas seis medidas àquelas já empregadas entre 2004 e 2009, separados em cinco⁸ categorias, desdobradas em 13 indicadores, a saber: Citações – *influência da*

⁴ Para mais informações sobre as Revistas Nature e Science, acessar <http://www.nature.com/> e www.sciencemag.org/

⁵ Este ranking foi, entre 2004 e 2009, produzido pela Quacquarelli Symonds - Q & S, companhia privada com sede em Londres que aconselha os estudantes de "alto potencial" para seus estudos e carreiras, em parceria com a *Times Higher Education*, também em Londres, um ranking. Mas desde 2010, os rankings da Q & S e da THE tornaram-se distintos. A classificação Q & S 2010, foi divulgada com metodologia e resultados que surpreendeu a muitos especialistas.

⁶ Europa, Ásia, América do Norte, América do Sul, Oceania e África.

⁷ Engineering & Technology; Life Sciences; Clinical, Pre-Clinical e Health; Physical Sciences; Arts & Humanities.

⁸ Os indicadores anteriores eram: atividade econômica/inação; indicadores de pesquisa; diversidade internacional e indicadores institucionais.

pesquisa, no valor de 32,5% [1 indicador: citation impact – normalised average citations per paper, 32,5%]. Ensino - *o ambiente de aprendizagem*, no valor de 30% da pontuação final ranking [5 indicadores: reputational survey - teaching, 15%; PhD awards per academic, 6%; undergraduates admitted per academic, 4,5%; income per academic, 2,25%; PhD awards/bachelor's awards, 2,25%]. Pesquisa – *volume, renda e reputação*, no valor de 30% [4 indicadores: reputational survey research, 19,5%; research income – scaled, 5,25%; papers per academic and research staff, 4,5%; public research income/total research income, 0,75%]. Mix Internacional - *funcionários e estudantes*, no valor de 5% [2 indicadores: ratio of international to domestic staff, 3%; ratio of international to domestic students, 2%] e Inovação - *transferência de conhecimento à indústria*, no valor de apenas 2,5% [1 indicador: research income from industry – per academic staff, 2,5%]. O primeiro ranking publicado sob esta nova metodologia foi em 16 de setembro de 2010.

As ponderações, tanto nas cinco categorias, quanto nos 13 indicadores, são atribuídas de duas formas distintas: (1) ponderações altas, quando o indicador mostrou, na consulta, aceitação e entusiasmo inconfundíveis por parte das IES consultadas, configurando-se como proxy valiosa e de confiança clara, em relação aos dados fornecidos pelos consultados; e, (2) ponderações baixas, onde a confiança nos dados, ou a utilidade do indicador, são menos evidenciadas. Em que pese a autodefesa, Phil Baty, um dos idealizadores do WUR, tenta explicar sua metodologia ressaltando não ser correto reduzir as Universidades a um número, tendo em vista que são organizações complexas e que muitos dos seus empreendimentos sequer podem ser mensurados quantitativamente. Considerando tais restrições, ele defende que a consulta com a comunidade acadêmica mundial produziu “*the most exact and relevant world rankings yet devised*”. Na fase de elaboração, mais de 50 especialistas se empenharam no desenho do ranking, recebendo mais de 300 críticas através de ensaios da comunidade acadêmica.

O indicador de **citações** é o de maior peso (32,5%) e foca-se na influência da universidade de pesquisa, mensurada pelo número de vezes que suas publicações são citadas por acadêmicos. Este valor elevado justifica-se pelo nível relativamente alto de confiança que a comunidade acadêmica global deposita no indicador, como parâmetro da qualidade da pesquisa. A propósito, Phil Baty adverte que usar as citações como métrica da qualidade é algo controverso, porém, há evidências de uma forte correlação entre a contagem de citações e o desempenho da pesquisa. Sua fonte são os 12.000 periódicos acadêmicos indexados pela *Thomson Reuters Web of Science*. Para o ranking de 2011, os valores recolhidos para cada universidade consideraram dados agregados entre 2004-2008, pois não houve tempo suficiente para o acúmulo desses dados para artigos publicados em 2009 e 2010.

Outra categoria, dentre as mais relevantes, (30%) é a de ensino, que pretende fornecer um claro sentido do ensino e do ambiente de aprendizagem de cada IES, seja na perspectiva do aluno, seja institucional. Seu principal indicador considera resultados de uma pesquisa de reputação no ensino, num universo de 13.388 respostas, realizada em 2010 pela Thomson Reuters - uma sondagem mundial de experientes estudiosos, investigando o prestígio de instituições de pesquisa e ensino. Nesta categoria, mede-se a taxa de admissão de alunos na IES, confrontada ao quantitativo docente (*undergraduates admitted per academic*). É outra medida utilizada como sinal da qualidade do ensino – a lógica deste standard é que um grande volume de alunado irá demandar coerente medida docente/pessoal administrativo. Os próprios arquitetos do ranking consideram esta medida um tanto frágil, por isso seu peso é baixo no contexto de sua categoria (15%) e na ponderação geral (4,5%). Outro indicador desta categoria é a proporção de PhD por bacharéis graduados. Salienta Phil Baty que IES com alta densidade de estudantes em Programas de Pós-Graduação são mais intensas em conhecimento e atrativas a alunos da graduação; que a presença de uma comunidade ativa de pós-graduação é um marcador de uma pesquisa eficaz, em termos de gestão, e de um ambiente de ensino valorizado pelos alunos da graduação e pós-graduação. Também nesta categoria

se observam dados relativos ao número de doutores premiados, relacionado ao tamanho da IES e ao número total do pessoal docente.

A terceira categoria é a pesquisa, que equivale a 30% na pontuação geral do ranking. O alto peso desta categoria resulta do grau de confiança que ela possui entre os acadêmicos, que tendem a ser mais bem informados sobre a reputação dos departamentos de pesquisa em seus campos de especialidade. Por esta razão, lhe é dada maior ponderação. Outro importante indicador é a receita disponível à pesquisa – fator crucial para o desenvolvimento de pesquisa de classe mundial - sendo confrontada ao tamanho de seu staff e a indicadores do *purchasing power parity*⁹ dos próprios países, embora esta seja uma medida controversa, pois pode ser influenciada pela política nacional e por circunstâncias econômicas. Já o indicador ambiente da pesquisa também inclui uma medida simples, o volume de pesquisa relacionado ao número de funcionários. Conta-se o número de artigos publicados em revistas acadêmicas indexados pela Thomson Reuters, dando uma idéia da capacidade de uma instituição para obter qualidade de artigos publicados em revistas. Por ultimo, nesta categoria, se analisam o financiamento público à investigação e o financiamento total disponível à pesquisa. Isso tem um peso baixo, 0,75%, o que reflete uma preocupação dos classificadores quanto à comparabilidade dos dados auto-relatados, entre os países.

Na categoria **mix internacional** de funcionários e estudantes observa-se a diversidade no campus - um sinal de como uma instituição coloca-se em perspectiva mundial; a capacidade de uma universidade atrair o melhor pessoal, de todo o mundo, é a chave para seu sucesso global. Esta categoria é ponderada na sua relação entre pessoal doméstico e internacional. O mercado de trabalho acadêmico e administrativo é de âmbito internacional, e este indicador sugere a competitividade global. No entanto, como é uma proxy relativamente rudimentar, e tendo em vista questões geográficas que podem influenciar o desempenho, sua ponderação foi reduzida. Outro indicador desta categoria é baseado na proporção de estudantes internacionais, comparada aos nacionais. Novamente, isso é um sinal da competitividade global de uma instituição e de seu compromisso com a globalização. Tal como acontece com o indicador de pessoal, a consulta revelou preocupações sobre a incapacidade de avaliar a qualidade dos estudantes e os problemas causados pela geografia, assim como pelo regime da taxa de mensalidade. Ressalte-se que pela baixa confiabilidade neste indicador, ele também recebe um pequeno peso.

Finalizando, a categoria **Industry income – innovation** é destinada a registrar a capacidade de uma IES transferir conhecimentos, através de um único indicador: a receita, demonstrativa da capacidade de financiamento de uma instituição de pesquisa vinculada à indústria, relacionada ao número de pessoal docente envolvido. A Times informa que pretende completar essa categoria com indicadores adicionais nos próximos anos, mas no momento – ressalta – “...*this is the best available proxy for high-quality knowledge transfer*”. O indicador sinaliza o quanto os usuários estão dispostos a pagar pela pesquisa, bem assim a capacidade de uma universidade atrair fundos no mercado comercial - indicadores significativos de qualidade. No entanto, considerando que os números fornecidos pelas instituições, para este indicador, costumam ter acentuada desarmonia, confere-se à categoria um peso relativamente baixo, 2,5% da pontuação geral do ranking.

Vejamos, em adição, que nos sete anos do ranking promovido pela revista Times a nota de corte para ingressar no grupo das top200 mostrou-se flutuante, saindo de 10 pontos, em 2004, para 46,2, em 2010, enquanto para ingressar nas top100, em 2004, era necessário atingir 15,8 pontos, e,

⁹ Segundo a OECD, “*Purchasing Power Parities (PPP) are currency conversion rates that both convert to a common currency and equalise the purchasing power of different currencies. In other words, they eliminate the differences in price levels between countries in the process of conversion. Under the Joint OECD-Eurostat PPP Programme, the OECD and Eurostat share the responsibility for calculating PPPs*”. Fonte: OECD - <http://www.oecd.org>

em 2010, 56,9. Observando o histórico neste intervalo, vimos que 15 (quinze)¹⁰ instituições mantiveram-se no *petit comité* das top10, quatro delas (California Institute of Technology, Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, Yale University) submetidas ao ranking durante as sete edições, sendo consideradas como referência na metodologia do consórcio Times/Reuters. Na série, a média para o indicador “citações”, mais valorizado na metodologia do ranking (32%), ficou na casa dos 88 e a média das pontuações globais, 89,9.

Por sua vez, o grupo das top25 é formado, além das 17 IES que se revezaram no grupo das top10, desde 2004, por mais outras 24 IES¹¹, num total de 41, que se alternaram entre as top25. Perceba-se que para este grupo, a média¹² nas citações já cai para 75,3 e da pontuação geral, para 80. Porém, se excluirmos deste grupo as top10, e considerarmos apenas as 26 restantes, a média cai, respectivamente, para 66,1 e 77,4. Significa dizer que entre as top10 e o excedente que constitui as top25, a diferença de pontuação no indicador “citações” é de 21,9 e na pontuação geral, 12,5. Para efeitos de comparação, dentre as top200, no estrato 151-200, a média de citações é de 40 e de pontuação geral, 41; entre as 101-150 essa média é de, respectivamente, 46,4 e 45,8. Já a base inferior das top200, no estrato 191-200, estas médias despencam para 35,8 e 38,9. Portanto, a diferença entre a base inferior (191-200) e a base superior (top10) é de 52,0 no indicador citações e 51 pontos na pontuação geral. Mais interessante é perceber que os 12,7 pontos, no indicador citações, que marcam a diferença entre figurar como top10 ou top25, equivalem à pontuação obtida por 179 instituições da base inferior.

Outro fato relevante, embora controverso, é a “quantidade das avaliações”. Joël Bourdin, no Relatório n° 442, retro citado, defende que ela é preponderante para que uma IES figure entre as top da cada ranking, especialmente os que consideram “reputação”, gerando o “efeito de persistência”. É inegável que isso vale para as top10, pois, das 17 IES que se alternaram, 15 (quinze) IES passaram pela série completa das sete avaliações, desde o início, em 2004. Já entre as top25, exclusive as top10, 16 (dezesseis) foram avaliadas sete vezes; 3 (três) foram avaliadas por seis vezes; 2 (duas) por cinco vezes; 2 (duas) por três vezes e apenas uma, por duas vezes. Então é possível afirmar que a quantidade de avaliações¹³ gera o efeito de persistência na camada superior, entre as 10 primeiras, mas vai tornando-se um critério relativo nas camadas intermediárias.

Webometrics

O webometrics, atualizado a cada janeiro e julho desde 2004, é um ranking de caráter mundial, que identifica as universidades mais presentes na internet. Sua principal função é promover publicações eletrônicas, mais acessíveis que as publicações impressas. É produzido pela

¹⁰ Top10: California Institute of Technology, Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, Yale University, Imperial College London, Princeton University, California University Berkeley, Stanford University, University of Cambridge, University of Oxford, University College London, University of Chicago, Columbia University, Ecole Polytechnique e ETH Zurich.

¹¹ Top 25: Australian National University, Beijing University, Carnegie Mellon University, Ecole Normale Supérieure – Paris, Johns Hopkins University, King’s College London, Kyoto University, London School of Economics, McGill University, Melbourne University, National University of Singapore, Northwestern University, Tokyo University, University of California-Los Angeles, University of California-San Francisco, University of Cornell, University of Duke, University of Edinburgh, University of Hong Kong, University of Michigan, University of Pennsylvania, University of Texas at Austin, University of Toronto e University of Washington (além das top10).

¹² Média entre as top 10: 91,0 de pontuação nas citações; 88,4 em pontuação geral; Média entre as top 25: 78,2 de pontuação nas citações; 79,6 em pontuação geral; Média entre as top 50: 67,1 de pontuação nas citações; 70,6 em pontuação geral; Média entre as top 100: 60,3 de pontuação nas citações; 61,3 em pontuação geral; Média entre as top 100: 50,4 de pontuação nas citações; 52,7 em pontuação geral; Média entre o grupo 101-200: 44,3 de pontuação nas citações; 47,2 em pontuação geral.

¹³ Apenas para efeitos de comparação, vejamos que dentre as Top200 as avaliações do ranking assim se distribuem: 53 IES foram avaliadas por 7 vezes; 23, 6 vezes; 18, 5 vezes; 55, 4 vezes; 93, 3 vezes; 65,2 vezes; 175, 1 única vez.

Cybermetrics Lab (CCHS), unidade da *Agencia Estatal Consejo Superior de Investigaciones Científicas* (CSIC), principal organismo de fomento à pesquisa da Espanha. Ele oferece informações sobre mais de 12.000 universidades de acordo com a sua presença na web (uma avaliação do conteúdo acadêmico, visibilidade e impacto de universidades na web), sendo construído a partir de um banco de dados de mais de 20.000 IES.

As top12.000 são mostradas no ranking principal e as demais compõem listas regionais. Tem por base um indicador composto que inclui tanto o volume do conteúdo da Web, da visibilidade e impacto das publicações web de acordo com o número de links externos que foram referenciados. Seus idealizadores defendem que uma ampla gama de atividades científicas aparece exclusivamente em sites acadêmicos, sendo normalmente ignorada pelos indicadores bibliométricos dos demais rankings. No entanto, mesmo sendo este seu diferencial, os resultados webométricos mostram uma alta correlação com outras classificações. As universidades norte-americanas são relativamente comuns entre as top25, enquanto as pequenas e médias instituições biomédicas e alemãs, francesas, italianas e japonesas são menos presentes nos altos escalões do ranking. As possíveis razões, desta presença rarefeita, incluem a publicação via conselhos de investigação independentes (CNRS, Max Planck, CNR) ou a grande quantidade de conteúdo nas línguas locais, não inglesa, o que torna estes artigos menos suscetíveis de serem captados pelos indicadores webométricos.

Performance Ranking of Scientific Papers for World Universities¹⁴

Este ranking é, desde 2008, uma iniciativa do *Taiwan Higher Education Accreditation and Evaluation Council*, objetivando avaliar e classificar o desempenho na pesquisa, empregando métodos bibliométricos para analisar e classificar a performance de 500 universidades¹⁵ top em artigos científicos; 300 universidades top em seis campos, e outras 300 universidades top em dez temas das Ciências e Tecnologias. Ele utiliza dados extraídos do *Science Citation Index* (SCI) e *Social Sciences Citation Index* (SSCI) em seis campos: Agricultura, Ciências Ambientais, Clínica Médica, Engenharia de Computação e Tecnologia, Ciências da Vida, Ciências Naturais e Ciências Sociais. Segundo uma tendência de contemplar mais disciplinas, em 2010, ampliou seu levantamento nas áreas científico-tecnológicas por demanda das universidades asiáticas interessadas nos campos das Ciências, basicamente Física, Química, Matemática e Geociências. Já as áreas de tecnologia são divididas Engenharia Elétrica, Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Engenharia Química (incluindo Energia e Combustíveis), Ciências dos Materiais e Engenharia Civil (inclusive Engenharia Ambiental).

Sua diferença em relação aos rankings da Times, da Q&S e de Xangai, é que se foca no desempenho de *papers* científicos. O ranking trabalha com oito indicadores em três categorias: 1ª – produtividade em pesquisa (20% do peso total) que avalia o número de artigos dos últimos 11 anos (ex. 1999-2010) e do número de artigos no ano em curso (ex. 2010); Impacto da Investigação (30%) que avalia o número de citações dos últimos dez anos e de citações nos últimos dois anos; e, Pesquisa de excelência (50%) que avalia o índice. A excelência em pesquisa avalia o *h-index* dos 2 últimos anos, o número de artigos altamente citados e o número de artigos do corrente ano, em periódicos de alta visibilidade. Cada um deles ponderados de 20%, 15% e 15%, respectivamente. Argumenta-se que a ênfase no desempenho da pesquisa atual (ou recente) faz com que os indicadores sejam mais justos, do que alguns indicadores dos demais rankings, que tendem a

¹⁴ Fonte: <http://ranking.heeact.edu.tw> e <http://en.wikipedia.org/wiki/HEEACT>.

¹⁵ A seleção das universidades é baseada no número de citações dos artigos em revista especializadas. Para produzir uma lista Top 500, 700 instituições são as primeiras selecionadas entre as instituições de pesquisa, dentre 4 000 listadas no Essential Science Indicators (ESI). Instituições não universitárias são então removidas, e as restantes são comparadas com os rankings da THE, ARWU e US News and World Report. Isto resulta em 725 universidades. (fonte: Relatório nº 442 do Senado francês. pg 40, acima citado)

favorecer as universidades tradicionais, com história consolidada, e também as universidades dos países desenvolvidos.

Q&S World University Rankings

A Quacquarelli Symonds - Q&S, é a antiga parceira da Times no World University Ranking-WUR, companhia privada¹⁶ com sede em Londres que aconselha os estudantes de “alto potencial” para seus estudos e carreiras. Em setembro de 2010, após o rompimento da parceria, passou a produzir seu próprio ranking, divulgado em parceria com a *US News & World Report de Washington, D.C.*, *Chosun Ilbo* Jornal da Coreia do Sul, *The Sunday Times* do reino Unido e o francês *Nouvel Observateur*. Dentre os questionamentos da QS havia uma freqüente crítica a todos os sistemas de classificação do mundo universitário, no sentido de que eles continham material escasso sobre assuntos específicos. Então, sua classificação passou a considerar cinco "clusters"; engenharia; biomedicina; as ciências naturais; as ciências sociais e artes e humanidades. A Reputação responde por 40% no ranking de Q&S, sendo determinada por entrevistas com um grupo de acadêmicos (*peer review*), mas também gestores de recursos humanos de empresas ao redor do mundo, (10%): 15.000 acadêmicos e 5000 RHs. Pede-se a cada perito para indicar até 30 IES que pareçam ser as maiores em cinco campos disciplinares: as ciências naturais, biomedicina, tecnologia, ciências sociais, humanidades e artes. Para o pessoal dos RHs, perguntam-se quais universidades têm mais egressos recrutados. A outra parte da avaliação é baseada em indicadores objetivos, citações por Faculdade (20%); Proporção de estudantes estrangeiros (5%). Além de proporção de faculdades internacionalizadas (5%) e proporção de estudantes da faculdade (20%). Ao todo, 2.500 IES são consultadas e 660 são consideradas em cada indicador.

O levantamento Q&S tem a vantagem, por assim dizer, de também incluir uma classificação especial para o campo da Matemática, além das demais áreas acima mencionadas. Tentando reproduzir um dos indicadores do ranking de Xangai, que considera Field Medals unicamente em Matemática. Em contraste, a Times não publica rankings em Matemática, pois é inteiramente baseada em bibliometria. No resultado do ranking Q&S em matemática¹⁷, que abrange 200 instituições, os dez primeiros são, pela ordem: Harvard, MIT, Cambridge, Stanford, Berkeley, Oxford, Yale, UCLA, Princeton, ETH.

¹⁶ Extrai-se do site institucional que a QS se auto-proclama como uma “empresa de médio porte, com mais de 150 funcionários em escritórios em todo o mundo: Londres, Paris, Singapura, Xangai, Boston, Washington DC, Johannesburg e Alicante. Na sua base de funcionários multi-cultural falam-se 26 línguas só no departamento de marketing. O QS World MBA Tour viaja para 70 cidades em 39 países permitindo que mais de 50.000 candidatos de MBA encontrem-se cara a cara com as escolas de negócios de alto calibre. Já o World Grad School Tour visita 47 cidades em 31 países levando uma relação de programas de pós-graduação de A a Z, a mais de 40.000 mestres interessados em doutoramento. (<http://www.topuniversities.com/content/about-qs>)

¹⁷ Martin Andler, ao falar das « *surprises du classement Q&S pour les mathématiques* », faz críticas reveladoras quanto à metodologia do Q&S ranking, relacionando casos em que as IES francesas estão mal classificadas, embora reunindo todos os indicadores do ranking. Também questiona a presença de IES britânicas, que não possuem excelência no campo da Matemática e, mesmo assim, ganharam posição e destaque. O autor assegura que tanto o Q&S ranking, quanto o da Times e de Xangai ostentam resultados bem diferentes em si, o que não é incomum, embora estranho, já que os três adotam como base indicadores associados. Parte do estudo de Martin concentra-se em demonstrar as fraquezas, efeitos adversos e a importância desse sistema, ressaltando que há claras fragilidades metodológicas nestes rankings, referenciando vários autores. Outro ponto negativo é que essa corrida faz com que as IES concentrem e recursos em um número muito pequeno de critérios de excelência, com o risco de fragilizar a pesquisa de alta qualidade. Também se revela interessante o registro de Sophie Roux¹⁷, ao comentar o trabalho de M. Andler, recomendando uma “moratória” dos dados fornecidos aos rankings, em virtude da incapacidade de se elaborarem classificações satisfatórias.

Top Universities by Reputation – Times Higher Education

Em março de 2011, e paralelamente ao seu ranking principal, a Times inaugurou o “*Top Universities by Reputation*”¹⁸, que embora possua uma classificação autônoma do WUR, alimenta aquele em cerca de 1/3 de sua pontuação geral. Trata-se de um sub-ranking estruturado sobre a opinião de 13.388 acadêmicos, de mais de 131 países, de sete distintas línguas. É solicitado a acadêmicos experientes destacar o que eles acreditavam ser mais relevante em universidades de ensino e em Universidades de pesquisa. As seis melhores universidades do ranking são: Harvard University, Massachusetts Institute of Technology, da Universidade de Cambridge, University of California, Berkeley, Stanford University e da Universidade de Oxford. Foram consideradas como referência das demais IES, passando a ser classificadas como “*super brands*”. Trata-se de uma resposta à classificação que a Q&S criou de forma independente após a ruptura com a Times.

Tabela nº 3. Instituições top25 nos quatro rankings mais destacados, ordenadas segundo a posição obtida no Academic Ranking of World Universities – ARWU.

Instituição	País	Rankings				
		ARWU (2011)	WUR (2010)	Performance (2010)	Webometrics (2011)	Q&S/2010
Harvard University	USA	1	1	1	2	2
Stanford University	USA	2	4	2	3	13
Massachusetts Inst. of Technology	USA	3	3	7	1	5
University of California- Berkeley	USA	4	8	6	5	28
University of Cambridge	UK	5	6	16	16	1
California Institute of Technology	USA	6	2	31	13	9
Princeton University	USA	7	5	39	39	10
Columbia University	USA	8	18	13	12	11
University of Chicago	USA	9	12	30	29	8
University of Oxford	UK	10	6	10	27	6
Yale University	USA	11	10	18	28	3
University of California- LA	USA	12	11	5	14	35
Cornell University	USA	13	14	22	4	16
University of Pennsylvania	USA	14	19	11	10	12
University of California- San Diego	USA	15	32	12	36	65
University of Washington- Seattle	USA	16	23	4	8	55
Univ. of California - San Francisco	USA	17	x	15	181	X
Johns Hopkins University	USA	18	13	3	15	17
University of Wisconsin - Madison	USA	19	43	20	7	48
University College London	UK	20	22	17	46	4
University of Tokyo	Japan	21	26	14	34	24
University of Michigan - Ann Arbor	USA	22	15*	8	6	15
ETH Zurich	Suíça	23	15	57	52	18
Imperial College London	UK	24	9	21	242	7
University of Illinois	USA	25	33	36	19	63
University of Toronto	Canadá	26	17	9	32	29
Univ. of Minnesota - Twin Cities	USA	28	52	24	9	96
Northwestern University	USA	30	25	27	77	26
Washington University in St. Louis	USA	31	38	25	8	75
Duke University	USA	35	24	19	37	14
University of Pittsburgh - Pittsburgh	USA	57	64	23	35	119
University of Hong Kong	China	201-300	21	x	82	23

■ Instituições que obtiveram posição acima de 25, em determinado ranking, mas que estão entre as top25, em outro;
 X – instituições que não receberam pontuação no ranking, ou que, embora consideradas, não foram classificadas.

Não é incomum que estes rankings mostrem resultados bem diferentes em si, mesmo tendo como indicador principal a pesquisa. O gráfico abaixo, com base na tabela anterior, mostra a

¹⁸ Mais informações em <http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2010-2011/reputation-rankings.html>.

posição das 15 primeiras Universidades em cada um dos cinco rankings, tomando como referência o ARWU/Xangai, ficando evidente o desalinhamento entre os resultados dos cinco rankings, para cada IES, salvo no caso das primeiríssimas, como Harvard e Stanford, com cadeira cativa no topo de todos os rankings, já que estas são instituições de referência da maioria dos classificadores. No caso do ranking da Q&S, cuja metodologia não privilegia instituições tradicionais, parece ilógico que mesmo assim ele se alinhe aos demais rankings no caso de Harvard, mantendo o “efeito de persistência” de que fala Joël Bourdin, no já citado Relatório nº 442, embora traga resultado bem distinto para Stanford e Berkeley, como se vê na tabela acima e na sua ilustração gráfica, abaixo. Mas parece que, entre os cinco, a maior disparidade é a posição obtida pela University of California - San Francisco, relativamente bem colocada no ARWU e no Performance Ranking, ostentou posição desprezível no Webometric, chegando mesmo a não ser classificada pela Q&S, que no seu site nem recomenda esta IES aos possíveis candidatos.

Importante ressaltar que, embora o objetivo central destes rankings seja dar visibilidade às Universidades de Classe Mundial, em alguns casos eles permitem fazer classificações regionais. Alguns permitem fazer classificações dentro do próprio país, a exemplo do ranking da Times Higher Education-THE, e, em outros casos, permitem fazer comparações mais globais, como o da Q&S, que tem uma classificação específica por continente, ou sub-continente, como no caso da América Latina.

Exemplo interessante é o ranking patrocinado pela Espanha, o Webometrics, que contempla, praticamente, todas as 17 mil IES existentes no mundo. No caso específico do Brasil, todas as instituições são consideradas em sua métrica, obviamente, com pontuações baixíssimas em relação às instituições ditas “globais”.

A propósito, vejamos abaixo uma tabulação dos países, em relação aos cinco principais rankings. Neste caso, selecionamos apenas os países que, em comum, possuem instituições entre as top 25, em um dos cinco rankings ou em vários deles ao mesmo tempo.

Tabela 4. Posição dos países nos cinco rankings mais destacados.

Países com IES nos rankings	World University Rankings/2010 (top 200) WUR		Top Universities by Reputation/2011 (top100)		Academic Ranking of World Universities ARWU/2010 (top100)		Webometric (Top 12000)		Performance Ranking of Scientific Papers for World Universities	
	RANK ²	nº de IES	RANK ²	nº de IES	RANK ²	nº de IES	RANK ²	nº de IES	RANK ³	nº de IES
Estados Unidos	1º	72	1º	45	1º	54	1º	67	1º	56
Reino Unido	2º	29	2º	12	2º	11	2º	7	2º	8
Alemanha	3º	14	6º	4	4º	5	5º	2	5º	4
Canadá	4º	9	5º	4	5º	4	3º	6	3º	6
Holanda	5º	10	7º	4	10º	2	7º	2	4º	5
Suíça	6º	6	9º	3	6º	3	17º	1	11º	2
China	7º	6	10º	2	-	-	-	-	-	-
Austrália	8º	6	4º	4	9º	3	6º	2	7º	3
Suécia	9º	6	8º	3	8º	3	-	-	8º	3
Japão	10º	5	3º	5	3º	5	8º	2	6º	4
Hong Kong	11º	4	12º	2	-	-	12º	1	-	-
França	12º	5	11º	2	7º	3	-	-	9º	2
Coréia do Sul	13º	4	13º	2	-	-	-	-	-	-
Taiwan, China	14º	4	20º	-	-	-	4º	3	-	-
Dinamarca	15º	3	-	-	11º	2	-	-	14º	1
Espanha	19º	2	-	-	-	-	-	-	-	-
Turquia	20º	2	-	-	-	7	-	-	-	-
Áustria	21º	2	15º	1	-	1	9º	1	-	-
Finlândia	22º	1	17º	1	12º	6	11º	1	15º	1
África do Sul	23º	1	-	-	-	-	-	-	-	-
Noruega	24º	1	-	-	15º	1	15º	1	-	-
Israel	-	-	-	-	13º	1	-	-	-	-
Grécia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Itália	-	-	-	-	-	-	13º	1	10º	2
Rússia	-	-	19º	1	14º	1	-	-	-	-
Chile	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Brasil	-	-	-	-	-	-	10º	1	13º	1
Índia	-	-	18º	1	-	-	-	-	-	-
México	-	-	-	-	-	-	14º	1	-	-
Bélgica	-	-	16º	1	16º	1	-	-	12º	1
Singapura	-	-	14º	2	-	-	16º	1	16º	1

Fonte: respectivos sites institucionais dos rankings.

A visão de Especialistas em rankings internacionais

Dentre os especialistas, merece destaque a recente publicação de Ellen Hazelkorn¹⁹, enfatizando a crescente obsessão com rankings universitários em todo o mundo, pois se tornaram onipresentes desde a década de 1990. Cita a revista *US News & World Report* que tem uma edição especial sobre as melhores faculdades da América, publicada anualmente desde 1987 nos EUA e continua sendo a mais popular publicação do tema, naquele país. O que começou com um exercício acadêmico no início do século 20, nos EUA, converteu-se em um serviço de informação comercial para os estudantes na década de 1980 e veículo de uma corrida por reputação.

Em julho de 2008, a pedido do Senado francês, foi publicado o Relatório nº 442, denominado “Ensino Superior: o desafio das classificações”, conforme já citamos na introdução neste capítulo. Joël Bourdin, seu relator, já adotava ali o mesmo discurso de Ellen Hazelkorn, no sentido de que os rankings estão desfrutando de um sucesso considerável e que vários estudos, realizados no exterior, mostravam que eles têm uma influência sobre o comportamento das partes interessadas. Citou, por exemplo, que na França o Presidente Sarkozy declarou a intenção de ter duas instituições classificadas entre as top20 mundiais e 10 entre as top100, atestando a legitimidade concedida aos rankings. Este relatório pretendia esclarecer algumas questões: qual é o propósito dos rankings? Para qual público se destinam e qual o contexto em que se produzem e estabelecem seus princípios, referenciais e indicadores? Qual deve ser a unidade de comparação? E, qual seria o método “*menos ruim*” no desenvolvimento de um ranking?

No capítulo conclusivo, sob o revelador título “como se livrar das armadilhas dos rankings”, conclui que cada ranking tem seus próprios limites, com base num número finito de indicadores para um número igualmente limitado de objetivos. Então, a primeira questão é se os indicadores escolhidos referem-se a objetivos²⁰ claramente identificados como sendo aqueles que a sociedade entende como relevantes para melhorar o desempenho da Educação Superior, ou mesmo para sinalizar sua boa qualidade. Neste ponto de vista, rankings têm foco em indicadores sobre a pesquisa, como um sinalizador a alunos ou candidatos que desejam saber onde estão os pesquisadores mais citados, e aqueles que obtiveram Prêmio Nobel. Nesse caso, os rankings não fazem justiça aos diferentes objetivos das instituições.

Quanto à relevância do método, concluiu o relator que as métricas adotadas no ranking são problemáticas em vários níveis, porque os pesos escolhidos não são objeto de qualquer justificação

¹⁹ Hazelkorn, E. **Rankings and the Reshaping of Higher Education : the Battle for World Wide Excellence**. Palgrave macmillian. NY. EUA. 2011. Diretora do Research and Enterprise at the Dublin Institute of Technology e do Higher Education Policy Research, Irlanda; Consultora da OCDE, no Programa de Gestão Institucional do Ensino Superior e é associada à International Association of Universities. Discussão adicional pode ser vista em abrangente volume: J. C. Shin et al. **University Rankings: University Rankings: Theoretical Basis, Methodology and Impacts on Global Higher Education** (The Changing Academic Profession in International Comparative Perspective 3). Springer. London. 2011.

²⁰ Aliás, no âmbito da Avaliação da Educação Superior, é basilar que a definição de um standard de avaliação indique seu real propósito e se ele é executável, isso para que não se inventem critérios/indicadores de avaliação cujo objetivo simplesmente não seja mensurável ou realizável. A propósito, González Fiegehen, diretor da Área de Políticas e Gestão Universitária do Centro Interuniversitário de Desenvolvimento (CINDA) exemplificou o caso da Lei do SINAES (nº 10.861/2004), cujas finalidades relacionadas em seu art 1º (“melhoria da qualidade da educação superior”, “orientação da expansão da sua oferta”, “eficácia institucional”, “efetividade acadêmica” etc) não são passíveis de verificação por meio de indicadores. Isto é, um indicador de avaliação deve medir um fato objetivo, mensurável, o que não é o caso. Fonte: González Fiegehen, Luis Eduardo. Conferência. **Estado e Políticas Públicas – concepções teóricas e experiência latino-americana**, in Curso Latino Americano de Políticas Públicas e Avaliação da educação Superior. Universidade Federal da Integração Latino Americana-UNILA. Foz do Iguaçu. 16 a 20 de novembro 2009.

teórica. Os usuários do ranking, convidados a compartilhar suas escolhas, nem sempre são bem informados sobre as metodologias que irão processar suas opiniões. Em geral, a legitimidade de indicadores sintéticos é incerta, em parte por agregar dados díspares, e em segundo lugar, porque resultam de escolhas que fazem com que o informante assuma a condição de ator do ranking, co-responsável por seu resultado.

Os indicadores, por vezes, usam "proxies" indiretas. Por exemplo, as pesquisas de reputação, tais como as realizadas sob a classificação da Revista Times, ora consorciada com a Reuters, medem a seletividade da instituição, a qualidade da sua pesquisa e o seu prestígio histórico. Contudo, estas medidas criam o "efeito de persistência", sendo este o caso daquelas IES que estão, insistentemente, no cume do ranking. Salienta Joël Bourdin, às fls 68 de seu relatório, que ao considerar estes três indicadores os rankings criam o citado efeito de persistência, já que a reputação de uma IES depende, em parte, de suas classificações passadas. Por isso, não adianta querer disputar com as top100 e com as top25.

Não obstante, os indicadores estão interligados, provocando certa superficialidade, a exemplo do que acontece com a classificação de Xangai, que possui sobreposição de critérios bibliométricos (número de artigos referenciados a nível internacional e número de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature*, por exemplo) ou a sobreposição indireta de outros critérios, tais como a obtenção de honras acadêmicas (Prêmio Nobel, Fields Medal). No caso do THE-QS ranking, a reputação também dependia do que é medido por outros indicadores, de maneira que os mesmos elementos são levados em conta várias vezes para conseguir uma classificação²¹.

No ranking de Xangai, 60% da nota final de uma IES depende de indicadores bibliométricos, contra 20% naquele promovido pela Revista Times (atualmente este indicador representa 32%). O ranking de Xangai baseava-se no *Institute for Scientific Information* (ISI) da Thomson-Reuters (em 2008), enquanto o ranking THE-QS utilizava, naquela data, os fundamentos da *Elsevier publisher Scopus*.

A esse respeito, Martin Ince²², diretor da *MI Communications* e membro do Conselho Consultivo da Revista Times Higher Education, analisa as diferenças entre os sistemas de classificação mais influentes, assinalando que as economias avançadas produzem, cada vez mais, variados e especializados postos de trabalho. Significa falar de novas demandas por formação universitária e da crescente necessidade de informações. Prestar informação - segundo ele - é o *leitmotiv* que autoriza os rankings acadêmicos, não só porque o universo de IES cresceu, mas também a massa de alunos e o leque de possibilidades de cursos superiores. Somem-se a isto os altos custos de manter um aluno na universidade, de modo que suas famílias precisam saber para onde enviar seus filhos e se aquela IES é a mais gabaritada. Assim, a maioria dos rankings é orientada aos bacharelados, divulgando informações, tais como, dimensão das turmas, gastos com biblioteca, taxas de conclusão e aproveitamento, possibilidades de emprego e montante de doação dos ex-alunos, este último, sob o argumento de que egressos satisfeitos são gratos à IES formadora.

Esta seria a função aparente dos rankings – orientar os candidatos à Educação Superior - porém, também assumem outra função: fomentar a competição entre as próprias IES, que passam a adotar um comportamento até então comum no mundo empresarial, qual seja, a concorrência pela

²¹ Esse efeito também é verificado no IGC, aplicado pelo Ministério da Educação. Ver item "Associação entre a Avaliação Institucional Externa, o IGC e o modelo Capes de avaliação".

²² Ince, Martin. **Comparing ranking systems**. Times Higher Education. 2010. Citando Michael Porter. Martin se especializou em publicar artigos sobre os rankings, em 2004, integrou-se ao consórcio Times / QS World University Rankings e foi seu editor até a edição de 2008. Para saber mais: <http://www.martinince.eu>

produtividade, pela eficiência, e, sobretudo, pela legitimidade pública. Sobre isto, Jamil Salmi²³, coordenador de ensino superior no Banco Mundial, ao comentar sobre os desafios de se criar universidades de classe mundial, fala de um “...*growing desire to compete for a place at the top of a global hierarchy of tertiary education*”.

O fato é que neste momento, os rankings, realizados por Governos, Organizações Sociais, Revistas, Jornais e Academias, talvez sejam a forma mais disseminada de classificar a excelência institucional e, sobretudo, sua eficácia, sendo este um critério importado dos meios produtivos, que revelaria a capacidade de gestão para alcançar metas estabelecidas ou os resultados propostos. Mas é verdade que também eles - os próprios rankings - são passíveis de classificação adjetiva de bom-ruim. Neste cenário, os rankings assumem duas vertentes: (1) não trabalham com análises qualitativas, assim, muito do que chamamos *rank* é mera ordenação quantitativa de critérios que o classificador entende revelar excelência; (2) ao mesmo tempo em que objetivam legitimar ou desacreditar o classificado perante o público, ou entre seus pares, os próprios classificados legitimam seu carrasco ou bem-feitor. Trata-se, pois, de um sistema de mútua acreditação, em que classificado e classificador são interdependentes. E apesar dos rankings basearem-se, quase invariavelmente, nos mesmos dados e no mesmo quadro metodológico, são fortemente influenciadas pelo limite usado para definir o conjunto das entidades calculadas. Neste caso, boas universidades, mas com menor projeção, que não estão presentes entre as top-100, podem ter melhor posição no ranking de impacto se o limite do universo for reduzido, já que o ranking trabalha com um elevado número de instituições que servem para ampliar o universo da amostra, da qual se extrai o pequeno grupo de elite; outras, com menor prestígio, serão privilegiadas quando este limite for dilatado. Isto explica o fato, de alguns rankings darem ênfase às top100, outras às top200, outros avançam e contemplam as top500.

Quanto aos efeitos colaterais, Bowman e Bastedo²⁴, empenharam-se em compreender as implicações dos rankings nas taxas de admissão de alunos nas IES classificadas e, também, demonstrar como os rankings se converteram em sinalizadores de excelência e prestígio institucional. Citando notável conjunto de especialistas no tema, os autores informam que, em 1995, mais de 40% dos estudantes do primeiro ano universitário indicaram que a classificação das universidades era pouco ou muito importante na eleição da IES que pretendiam cursar. Porém, na última década, a influência dos rankings universitários se intensificou. Desde 1995 – acrescentam os autores - a proporção de estudantes que descreve as classificações como “muito importante” no seu processo de escolha da universidade foi incrementado em mais de 50%. Sustentam, ainda, que recentes estudos têm sugerido nexos de causalidade entre rankings e indicadores de admissão discente.

É inegável - salientam – que o simples noticiário sobre os rankings proporciona um aumento, ou substancial diminuição, dos indicadores de admissão, logo no ano seguinte à notícia publicada²⁵. Mover-se para cima ou para baixo dentro da camada superior do ranking tem um forte

²³Salmi, Jamil. **The Challenge of Establishing World-Class Universities**. The World Bank. 2009. Disponível em <http://siteresources.worldbank.org/EDUCATION/Resources/278200-1099079877269/547664-1099079956815/547670-1237305262556/WCU.pdf>. Acesso em 01 ago 2011.

²⁴ É extensa a lista de autores citados por Bowman e Bastedo, de maneira que muito do que ora sintetizamos são citações que mereceriam uma visita ao texto original: BOWMAN, Nicholas and BASTEDO, Michael. **Getting on the Front Page: Organizational Reputation, Status Signals, and the Impact of U.S. News and World Report Rankings on Student Decisions**. University of Michigan. 2010. Disponível em <http://www-personal.umich.edu/~bastedo/papers/BowmanBastedo.ResHE2009.pdf>. Acesso em 06 set. 2011.

²⁵ Segundo Bowman e Bastedo, estudos analisaram dados de 1987 a 1997 em 30 IES privadas dos Estados Unidos, quase todas classificadas como top, as notícias sobre rankings corresponderam a uma diminuição de 0,4% nas taxas de aceitação e a um incremento de 0,2% no rendimento. Em estudo posterior, foi utilizada amostra mais ampla que incluiu universidades públicas e privadas. Entre todas as IES que aparecem nas escalas 2-4 (em relação com a parte inferior dos mais prestigiosos de Nivel 1) resultou taxas de maior aceitação e menor proporção de estudantes entre os top10% de sua classe. Ademais, verificaram curiosa associação: subindo no ranking dentro das melhores universidades (no posto de 1 a

impacto sobre as instituições classificadas entre as top25, porém, alguns autores são bastante seguros para afirmar que qualquer mudança no nível, entre os diferentes grupos (top100; top200 etc), tem implicações substanciais para uma instituição.

Como resultado, ser classificada como uma IES top (grupo das 100mais; 200mais etc) tem um peso significativo maior que avançar um único ponto dentro da camada superior, como por exemplo, entre as 25top e 50top. Concluem que três fatores produzem impactos consideráveis sobre os indicadores de admissão. Primeiro: figurar no noticiário dos rankings melhora substancialmente os indicadores de admissão, no ano seguinte, embora para alunos altamente qualificados a divulgação das IES top pode servir, apenas, como uma lista potencial das escolas a considerar. Segundo: uma vez que as instituições tenham atingido a camada superior, isto traz benefícios notáveis para aquelas que ocupam a camada das top25, mas este impacto é mais fraco, ou inexistente, entre a metade inferior do grupo das top. No terceiro fator apontado por Bowman e Bastedo argumentam que os custos de matrícula (*tuition*) e despesas das famílias com ensino também servem como marcadores de qualidade e são catalisadores de prestígio, derivado, muitas vezes, da bagagem acadêmica dos ingressantes.

Em suma, Bowman e Bastedo ressaltam que as melhorias de posição das IES, nos rankings, podem influenciar os resultados de admissão, mas estes efeitos ocorrem principalmente para as universidades classificadas entre as top25 e para aquelas que se deslocam rumo à primeira página, isto é, entre as top100. No entanto, para outras instituições de elite, medidas alternativas de prestígio, como os custos de mensalidades e outras despesas, contribuem mais efetivamente nos indicadores de admissão, que sua posição nos rankings. Assim, os rankings acadêmicos desempenham papel importante na tomada de decisão de alguns alunos, mas outros indicadores de reputação e prestígio influenciam consideravelmente os estudantes.

Posição de organismos internacionais sobre os efeitos dos rankings

Dentre as instituições que se dedicaram a entender a mecânica e efeitos dos rankings, destacam-se os estudos promovidos pelo Diretório Geral de Investigação de base universitária da Comissão Européia, pela *European University Association* - EUA, pelo Espaço Europeu do Ensino Superior - EEES e Espaço Europeu da Investigação -EEI, estes dois últimos integrados ao Processo de Bolonha, além do Center for Higher Education - CHE, da Dinamarca e da própria OECD, entre outros. Estes movimentos institucionalizados acontecem quase que unicamente na Europa, embora estudiosos das mais diversas nacionalidades já tenham se manifestado quanto aos efeitos deletérios destas classificações.

A propósito, o Grupo de Peritos em Avaliação da Investigação de Base Universitária, do Diretório Geral para Pesquisa da Comissão Européia, diante do impacto dos rankings na Educação Superior, foi instado a produzir um relatório²⁶ sobre a pertinência destas classificações e a adequação de suas metodologias, com a incumbência de apresentar subsídios para um novo método de classificação, que seja mais coerente ao avaliar a investigação produzida por universidades

25) resultou maiores taxas de aceitação, porém, em menores proporções de estudantes entre os top10% de sua classe do Ensino Médio; e, subindo na parte inferior das IES de nível 1 (no posto 26-50) foi associado com taxas de aceitação mais baixas. Além disso, subindo no ranking dentro das universidades do topo (1° ao 25° classificados) foi positivamente associado com a proporção de estudantes top10% no Ensino Médio, e movendo-se dentro da base (classificados entre 26-50) identificaram-se menores taxas de aceitação.

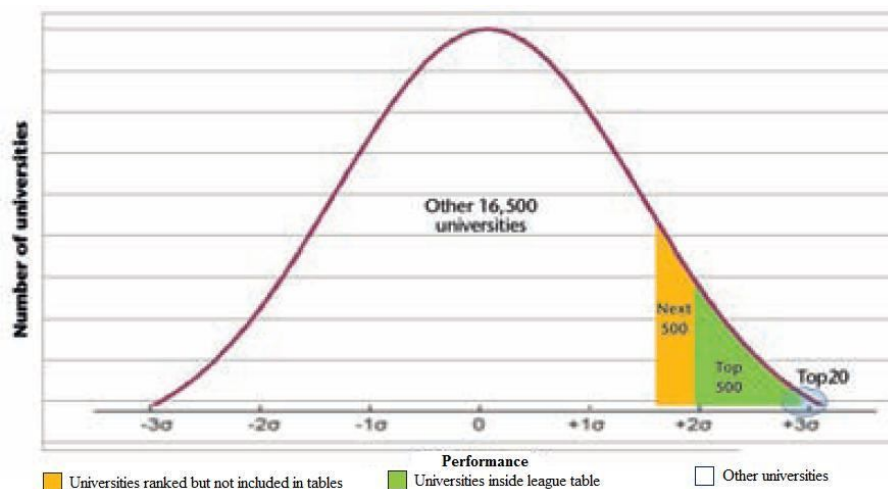
²⁶ European Commission; European Research Area; Science&Society. Expert Group on Assessment of University-Based. **Assessing Europe's University-Based Research**. Relatório. Bruxelas. Bélgica. 2010. Disponível em [Research.http://www.kowi.de](http://www.kowi.de)

européias. Esse novo método deveria considerar a perspectiva multifuncional e diversa das universidades e das disciplinas. Além disso, ressalta que se o ensino superior é um dos motores da economia e um ponto-chave sobre o “*knowledge triangle*”, então a produtividade, qualidade e estado da arte da pesquisa produzida pelas universidades são indicadores vitais. Daí a importância de se projetar uma forma de avaliar adequada à finalidade institucional. Esta nova metodologia seria melhor aplicável através de uma ampla gama de disciplinas, incluindo a pesquisa interdisciplinar.

O relatório é profícuo em suas análises e conclusões, dele poderemos extrair as recomendações gerais: primeira, que a avaliação da pesquisa de base universitária, precisa ser concebida em relação aos objetivos da instituição e daquele programa, em particular, adotando metodologias que considerem sua finalidade; segunda, que essa avaliação deve combinar indicadores quantitativos e qualitativos e; terceira, a avaliação da investigação deve ser realizada ao nível dos “*knowledge clusters*”, em escala precisa e cuja natureza dependa da finalidade da pesquisa. Estes “*clusters*” podem se expressar em unidades administrativas, unidades da ciência nas universidades, ou redes inter-institucionais (faculdades, departamentos, escolas, equipes, centros, institutos interdisciplinares ou agregados etc). Devem permitir certa agregação ao nível institucional.

Outro órgão que se propôs a avaliar os desdobramentos dos rankings foi a European University Association-EUA²⁷ que produziu recente dossiê para demonstrar o impacto dos rankings internacionais sobre a Educação Superior, chegando à taxonomia dos cinco grupamentos, indicados na parte inicial do presente estudo. No documento, a Associação das Universidades Européias alerta para dois relevantes fatos. Primeiro, que estas classificações lidam com apenas 1% - não mais que 3% - das universidades (200 a 500) de um total de 17.000 universidades do mundo (ver gráfico abaixo), onde se incluem aquelas instituições inseridas nas tabelas com intenção classificatória, com atribuição de conceito (*top 500*); aquelas instituições consideradas pelos rankings, mas que não figuram da tabela classificatória, isto é, não recebem conceito (*next 500*); e destas, as *top20*. Segundo, que rankings classificatórios utilizam metodologias limitadas em produzir resultados estáveis para mais de 700/1200 universidades, reduzindo-se para algo em torno de 300, no caso dos rankings que as classificam segundo áreas disciplinares. E que, devido ao caráter elitista, cerca de 16.500 universidades jamais obterão qualquer posição de prestígio.

Gráfico 1. Proporção de universidades consideradas nos rankings globais vs número total de universidades no mundo.



Fonte: 44ç European University Association – EUA.

²⁷ European University Association – EUA. **Global university rankings and their impact**. 2011. Bruxelas. Bélgica. Disponível em www.eua.be. Acesso em 24 ago 2011.

O caráter mais destacado dos rankings é que a parcela de instituições consideradas não representa a totalidade do segmento da Educação Superior. Outra questão intrínseca é que cada ranking olha para certos aspectos da Universidade, sem que nenhum deles consiga enxergar o ser na totalidade. E disto surge um dos principais impactos negativos, já que tanto a sociedade, quanto os *policy makers* são tentados a julgar todo o ensino superior pelos padrões que os rankings têm adotado para detectar as melhores universidades de pesquisa, ao invés de aplicar um dos princípios fundamentais da qualidade, a “adequação à finalidade institucional”.

Há, no Relatório da European University Association, relevantes críticas aplicáveis a todos os rankings.²⁸ Nele enfatiza-se, por exemplo, que a entrada dos rankings no meio educacional causou certo constrangimento, pois as universidades têm sido incapazes de evitar as comparações, causando-lhes mudanças funcionais. Estes rankings, e particularmente os que adotam tabelas classificatórias, têm endereço certo, que são as universidades do topo, todas com vocação de pesquisa, criando uma densa massa de população universitária marginal, como já demonstrado no gráfico acima. E em que peso o objetivo de produzir uma lista das melhores universidades, o efeito colateral é que isto termina atingindo todo o sistema, que passa a ser julgado à luz de critérios destinados a mensurar a excelência das universidades de pesquisa.

É fato que os Rankings, até o momento, cobrem apenas algumas das missões da universidade, poucos contemplam a diversidade de tipos institucionais e das múltiplas missões das instituições de educação superior. Alega-se que os rankings tornam as universidades mais transparentes, contudo, as próprias metodologias adotadas carecem de transparência. É difícil, senão impossível, acompanhar o cálculo das pontuações dos indicadores e, destes, para a pontuação geral, somente com as informações disponíveis publicamente. Também não existe, nestas metodologias, um “indicador objetivo”, sendo evidente a falta de indicadores adequados para medir o desempenho de uma instituição dedicada ao ensino. No caso, a situação é melhor quando avaliam o desempenho da universidade de pesquisa. E mesmo os indicadores bibliométricos adotados para medir o desempenho têm sérias falhas e preconceitos, como os assinalados por Van Raan²⁹.

Mais recentemente, observou-se um movimento dos classificadores para mudar suas metodologias, mas estas melhorias dizem respeito à memória de cálculo, enquanto permanece o verdadeiro problema que é o uso inadequado de proxies, ou a omissão de parte das informações devido a limitações metodológicas. As proxies podem ser melhoradas, mas elas ainda são medidas aproximadas.

Seria difícil, atualmente, argumentar que os benefícios oferecidos pelas informações dos rankings, bem assim como o aumento da almejada “transparência” são mais significativos que os problemas, as “conseqüências indesejáveis” dos rankings. O certo é que estas novas tentativas de desenvolver classificações, rankings e avaliações, abrangendo todas as instituições de educação superior, em suas variadas missões, como estão tentando fazer a Comissão Europeia, e outras tentativas como o método U-Map e U-Multirank, CHE rankings, ou ainda o modelo AHELO/OECD, estão empenhados em melhorar a situação. É, contudo, muito cedo dizer como estas novas ferramentas irão funcionar, pois ainda estão em estágios de desenvolvimento e

²⁸ Às fls 120, ao dissertar sobre “a quantidade de informações disponíveis sobre os dados e métodos”, destaca-se que, quanto mais global o ranking, mais a descrição de suas metodologias é simplificada, dificultando o acesso à memória de cálculo e impossibilitando que o leitor identifique o real cálculo de pontuação dos indicadores individuais e da pontuação geral. Seguir o cálculo requer fontes de dados primárias, memórias de cálculos, microdados etc, nas quais a informação é mais detalhada e de pouca ajuda para o usuário interessado, que queira simplesmente entender o processo e de onde vêm aqueles números.

²⁹ Van Raan, Anthony F. (2005). **Fatal Attraction: Conceptual and methodological problems in the ranking of universities by bibliometric methods**. *Scientometrics*. Vol. 62, No. 1 2011. Disponível em: <http://www.cwts.nl/TvR/TvRpublications.html>. Acesso em 10 Jan.

implementação piloto, além de enfrentar sérios problemas para coleta de dados e desenvolvimento de novos indicadores. Segundo dados da Comissão Européia, hoje, 33 países têm alguma forma de sistema de classificação operada pelo governo e de agências de acreditação do ensino superior e da pesquisa.

Prestígio acadêmico e prestígio econômico: a situação dos BRIC's

Que a Educação Superior e, sobretudo, uma formação de boa qualidade, além da Inovação e Empregabilidade dos formando, são essenciais para o desenvolvimento das nações, isto é incontestável e mencionado insistentemente em todos os relatórios e estudos referenciados neste documento, com reflexos, inclusive, nas taxas de investimento e do PIB. Por isso, fez-se uma tabulação do ranking do World Economic Fórum (2008/2009), com os indicadores Educação Superior e Formação de Qualidade, como fatores que influenciam o desenvolvimento e competitividades dos países, também tabularam-se as top20 economias que mais receberam Investimento Direto Estrangeiro (FDI-2009/2010) e as top184 em PIB, segundo o FMI. Igualmente foram classificados os países segundo a capacidade de Inovação, com dados do INSEAD (Global Innovation Index - GII/2011 e dados de Taxas de Desemprego, fornecidos pela OIT.

Em relação à inovação, o prestigiado ranking de inovação da INSEAD³⁰ (Global Innovation Index -GII), escola de negócios da França com legitimidade neste campo, relaciona as 125 economias que mais de destacaram neste campo. Ressaltou no relatório divulgado para 2011 que a inovação firmou-se definitivamente como um fenômeno global, com as 10top assim posicionadas: Suíça, 1ª; Suécia, 2ª, Singapura em 3ª; Hong-Kong, 4ª; Finlândia, 5ª; Dinamarca, 6ª; Países Baixos, 9º; Estados Unidos, 7ª; Canadá, 8ª, Holanda, 9ª e Reino Unido, em 10ª posição. A Ásia está representada entre os melhores com Hong Kong, 4ª e China, 29ª. Já a América é represnetada pelos Estados Unidos, na 7ª posição, Canadá, 8ª, Brasil, 47ª, Argentina, 58ª, México, 81ª e Venezuela, 102ª. (uma relação mais completa está na tabela abaixo).

O avanço do Brasil é significativo, entre 2008-2009 estava na posição de nº 50, agora 47ª, China também evolui consideravelmente, de 32 para 29ª posição; Índia, de 62 para 41; Rússia, de 68 para 56. Índia e Rússia foram as que mais evoluíram, respectivamente, 21 e 12 pontos. O INSEAD também enfatizou que a inovação mostra-se imprescindível às economias em desenvolvimento (os emergentes), especialmente durante o momento em que a economia global está em recuperação. E que a inovação é uma ferramenta valiosa para avaliação comparativa, incentivando o diálogo público-privado, incluindo decisores políticos e líderes empresariais.

Ainda no que se refere à Inovação no Brasil, dados da Pintec/IBGE, entre 1998 e 2000, mostram que havia 72.005 projetos para implementação de inovações cadastrados oficialmente nos órgãos do Governo, sendo 1.728 nas indústrias extrativistas e 70.276 em indústrias de transformação³¹. Em 2003, 20.599 empresas estavam envolvidas nestes projetos, com um aumentou

³⁰ INSEAD. **Global Innovation Index**. 2011. Disponível em <http://www.globalinnovationindex.org>. Acesso em 02 set 2011.

³¹ (produtos alimentícios e bebidas; produtos alimentícios; bebidas; produtos do fumo; produtos têxteis; confecção de artigos do vestuário e acessórios; preparação de couros e artefatos de couro, artigos de viagem e calçados; produtos de madeira; celulose, papel e produtos de papel; celulose e outras pastas; papel, embalagens e artefatos de papel; edição, impressão e reprodução de gravações; coque, refino de petróleo, elaboração de combustíveis nucleares e produção de álcool; coque, álcool e elaboração de combustíveis nucleares; refino de petróleo; produtos químicos; produtos químicos; produtos farmacêuticos; artigos de borracha e plástico; produtos de minerais não-metálicos; metalurgia básica; produtos siderúrgicos; metalurgia de metais não-ferrosos e fundição; produtos de metal; máquinas e equipamentos; máquinas para escritório e equipamentos de informática; máquinas, aparelhos e materiais elétricos; material eletrônico e de aparelhos e equipamentos de comunicações; material eletrônico básico; aparelhos e equipamentos de comunicações; equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios; fabricação e montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias;

para 84.261, sendo 1.888 nas extrativistas e 82.373 nas de transformação. Em 2005, 95.300, 1.849 e 89.205, respectivamente. Entre 2006 e 2008, últimos dados disponíveis, tivemos 107.605 projetos, sendo 2.076 e 100.612. Embora não haja dados específicos sobre a transferência de conhecimento universidade-empresa, os dados agregados constituem importante indicativo.

Sobre a empregabilidade específica para egressos, poderemos extrair dos números globais, por país, uma noção, ainda que vaga, de emprego dos egressos, já que estão inseridos no grupo das Populações Economicamente Ativas (PEA) e Populações Ocupadas, medidos pela OIT e, no Brasil, pelo IBGE. Neste quesito, há uma situação inversa, pois alguns países que figuram entre os tops10, nos rankings acadêmicos, estão entre os dez com as maiores taxas de desemprego (ver a relação, por país, na tabela abaixo). Dados da OIT demonstram que Estados Unidos estão com 9,7% e Reino Unido 13,7%, de suas respectivas Populações Economicamente Ativas-PEA, desempregados. Brasil está com 6%, em 16º lugar, enquanto a China está em 8º lugar, com 4,3%. Entre os outros dois BRICs, Índia está com 10,8% e Rússia, com 7,6%.

Em seu relatório *The Global Competitiveness*³², o WEF enfatiza que os doze pilares do desenvolvimento³³ estão intimamente relacionados e se reforçam mutuamente, haja vista não ser possível o desenvolvimento em “*countries with poorly educated and poorly trained labor force - o que demanda - presence of high-quality scientific research institutions, extensive collaboration in research between universities and industry*” (p.19). Já A Comissão Européia, no seu relatório que analisa as metodologias de avaliação da investigação de base universitária, já citado, conclui que o status, qualidade e produtividade no ensino superior tornaram-se objetivos estratégicos nacionais e indicadores da competitividade global. Considerem-se, também, os indicadores de inovação, que também são considerados motores do desenvolvimento.

Se assim é, encerramos este estudo com a tabulação das principais economias e daquelas em desenvolvimento, classificadas em três indicadores de desenvolvimento: World Economic Fórum; Foreign Direct Investment-FDI e Top184-PIB, do FMI. Dos 37 países selecionados, 15 abrigam Instituições do grupo top25, o restante são economias em ascensão. O que se constata na tabulação abaixo é que os países que obtêm as melhores posições nas classificações de desenvolvimento também figuram no topo das classificações acadêmicas. Mas não é verdade que a ascensão nos rankings de desenvolvimento, como no caso dois países emergentes, garanta melhor desempenho nos rankings acadêmicos. A diferença está, exatamente, no indicador “inovação”, no qual os BRIC’s têm posições muito baixas, entre “3,7” e “3,4”, numa escala de 1 a 7.

Tabela_5. Associação entre rankings acadêmicos e rankings de desenvolvimento dos países.

países	Rankings de desenvolvimento					
	World Economic Fórum (2008/2009) ³		Top 20 host economies, Foreign Direct Investment, FDI (2009/2010) ⁴	Top184, PIB/FMI ⁵	INSEAD (Global Innovation Index - GI/2011) ⁶	Taxa de Desemprego OIT ⁷
	INDICADOR: “influência da Ed. Superior e Formação de Qualidade na competitividade”	INDICADOR: “influência da Inovação na competitividade”				

peças e acessórios para veículos; outros equipamentos de transporte; móveis e indústrias diversas; artigos do mobiliário; produtos diversos e reciclagem.)

³² World Economic Forum. The Global Competitiveness Report 2008-2009. Disponível em <https://members.weforum.org/pdf/GCR08/GCR08.pdf>

³³ Institutions; Infrastructure; Macroeconomic stability; Health and primary education; **Higher education and training**; Goods market efficiency; Labor market efficiency; Financial market sophistication; Technological readiness; Market size; Business sophistication; **Innovation**.

	RANK (escala de 1 a 134) ¹	posição (escala de 1 a 7)	RANK (escala de 1 a 134) *	posição (escala de 1 a 7)				
Finlândia	1°	6.1	2°	5.6	46	55	5	8,4
Dinamarca	2°	6.0	10°	5.9	x	52	6	4,2
Suécia	3°	5.8	5°	5.4	42	32	2	7,0
Estados Unidos	5°	5.7	1°	5.8	1	1	7	9,7
Bélgica	6°	5.6	14°	4.7	4	30	24	8,5
Suíça	7°	5.6	3°	5.5	157	37	1	3,9
Singapura	8°	5.7	11°	5.1	8	40	3	2,1
Canadá	9°	5.5	13°	4.8	14	14	8	8,0
Noruega	10°	5.5	19°	4.6	23	46	60	3,6
Holanda	11°	5.5	12°	4.8	145	21	9	5,5
Coréia do Sul	12°	5.5	9°	5.1	174	12	16	3,3
Taiwan, China	13°	5.5	7°	5.2	56	18	x	5,2
Austrália	14°	5.4	20°	4.5	10	17	21	5,1
França	16°	5.4	16°	4.7	9	9	22	9,5
Áustria	17°	5.3	15°	4.7	35	33	19	4,5
Reino Unido	18°	5.3	17°	4.7	6	7	10	13,7
Irlanda	20°	2.2	21°	4.4	12	56	13	7,9
Alemanha	21°	5.2	8°	5.2	6	5	12	7,4
Japão	23°	5.8	4°	5.5	x	3	20	5,1
Israel	24°	5.0	6°	5.2	43	51	14	6,4
Hong Kong	28°	4.8	24°	4.1	3	36	4	4,3
Espanha	30°	4.7	39°	3.6	13	13	32	20,0
Grécia	38°	4.5	63°	3.9	61	38	63	12,0
Itália	44°	4.4	53°	3.4	27	10	35	8,4
Rússia	46°	4.4	48°	3.4	7	6	56	7,6
Luxemburgo	47°	4.4	23°	4.1	15	95	17	5,5
Chile	50°	4.3	56°	3.4	17	45	38	8,7
Arábia Saudita	53°	4.3	34°	3.7	11	23	54	10,8
Argentina	56°	4.1	98°	2.9	38	22	58	7,9
África do Sul	57°	4.1	37°	3.6	71	25	59	23,3
Brasil	58°	4.1	43°	3.5	5	7	47	6,0
Índia	63°	4.0	32°	3.7	13	4	62	10,8
China	64°	4.1	28°	3.9	2	2	29	4,3
Indonésia	71°	3.9	47°	3.4	18	15	99	7,1
Turquia	72°	3.4	66°	6.2	29	16	65	12,4
México	74°	3.8	90°	3	16	11	81	5,6
Venezuela	79°	3.7	115°	2.6	x	34	102	12,1

Observações e fonte dos dados: 1) quanto mais próximo de "1", mais competitivo; 2) critério: soma dos pontos contínuos de todas as IES do país; 4) fonte: UNESCO - <http://www1.unctad-docs.org/files/UNCTAD-WIR2011-Chapter-I-en.pdf>; 3) fonte: The Global Competitiveness Report 2008-2009 © 2008 World Economic Forum: <https://members.weforum.org/pdf/GCR08/GCR08.pdf>; 5) Fundo Monetário Internacional, World Economic, World Economic Outlook report. April 2011- <http://www.imf.org>. 6) INSEAD (Global Innovation Index -GII/2011) <http://www.insead.edu>; 7) OIT e INDEX MUNDI - Unemployment rate <http://www.indexmundi.com>
Obs: duas outras listas do PIB são também divulgadas, uma pelo BM e outra pela CIA.

À luz destes critérios (Educação Superior de boa qualidade, inovação e empregabilidade), considerados pelos mais destacados rankings acadêmicos, tentaremos entender a posição do Brasil e dos demais BRICS, nas classificações universitárias. Especialistas internacionais neste tema mostram-se surpresos que os emergentes tenham se destacado como economias sólidas e suas

universidades simplesmente não apareçam em posição de prestígio nas classificações globais. Sobre isto, Ronaldo Lemos³⁴ ao comentar a situação das Universidades brasileiras, no contexto da globalização e de internacionalização, alerta que a vontade do Brasil de figurar no cenário internacional e de lidar com as demandas de desenvolvimento e inovação esbarra, em especial, na ferrugem de nossa engrenagem universitária, e seu isolamento do resto do mundo. Em resumo “*as universidades brasileiras, tanto em termos de alunos e professores, são quase inteiramente feitas de brasileiros.*” Na USP, maior e mais importante do país, apenas 2,8% de um total 56.000 estudantes são estrangeiros. Este baixo grau de internacionalização já está causando problemas, sobretudo para que universidades brasileiras sejam consideradas como “globais”, sendo notório que nenhuma foi incluída entre as top200 no Ranking Mundial da Times Higher Education, este que dá especial atenção aos aspectos de internacionalização.

Esta tendência paroquial das universidades brasileiras cria um ciclo vicioso, pois a “inovação”, outro indicador relevante nas classificações internacionais, depende da capacidade de transferência de tecnologia, o que certamente não ocorre em universidades que têm como destinatária a população de seu entrono. A maioria das universidades no Brasil está despreparada para lidar com visitantes estrangeiros, estudantes ou professores. Uma ilustração da burocracia nacional é que para um professor estrangeiro ser formalmente contratado por uma universidade local ela terá, na maioria dos casos, revalidar seu diploma no Brasil. Neste aspecto, Lemos cita entrevista do Prof. Volker Grassmuck, professor na Universidade de Paderborn que passou 18 meses no Brasil como pesquisador visitante filiado à USP. Ele relatou que o despreparo para receber professores estrangeiros é um problema crônico nacional, pois, no seu caso, foi exigida a “revalidação” de seu Ph.D. Este é um processo longo, que requer originais e cópias do diploma, documentos autenticados pelo consulado brasileiro, uma cópia da dissertação traduzida para o Português, um exame semelhante ao original de Ph.D, além de alguns conteúdos extras, como “didática” que não tem em uma universidade alemã, não obstante o pagamento de uma taxa, no caso da USP, de R\$ 1,530.00. Em outras palavras – concluiu Grassmuck – “*...brazilian academy does not trust Free University of Berlin to issue valid Ph.Ds and requires me to essentially go through the whole Ph.D. procedure all over again. And then I would be able to take a “public competition”, which is yet another procedure unlike anything required by a German university.*”.

Exemplo raro é o Instituto Internacional de Neurociências de Natal Edmond e Lily Safra (IINN-ELS), que atualmente possui em seu quadro docente 31 cientistas estrangeiros, a maioria proveniente de Universidades americanas. Também de projeção internacional temos a PUC-Rio em Economia e o IMPA, que têm ao seu mestrado e Ph.D em matemática pura e aplicada. Lá é comum se encontrar alunos da Argentina, Chile, Peru etc. Também a EPGE (FGV Pós-Graduação School of Economics) contrata professores de fora, mas não há incentivo à presença de alunos estrangeiros. O fato é que iniciativas como o Instituto Goethe, Fundação Humboldt, na Alemanha, ou mesmo o programa Fulbright, nos EUA, que acabam por atrair talentos internacionais, simplesmente não possuem paralelo no Brasil.

Em setembro de 2010, pouco antes de ser divulgada a classificação da Times Higher Education, Richard Reynolds³⁵ divulgou uma nota perguntando “*Onde estão os BRIC's? Brasil,*

³⁴ Lemos, Ronaldo. **Universities in Brazil are too closed to the world, and that's bad for innovation.** Center for Information Technology Policy. Princeton's University. 2011. Disponível em <https://freedom-to-tinker.com/blog/rlemos/universities-brazil-are-too-closed-world-and-thats-bad-innovation>. Acesso em 31 ago 2011 É diretor do Centro de Tecnologia e Sociedade da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro e diretor do Creative Commons Brasil. Professor visitante na universidade de Princeton e professor titular e coordenador da área de propriedade da Escola de Direito da Fundação Getulio Vargas no Rio de Janeiro.

³⁵ Reynolds, Richard. **Building sectors, 'Bric' by brick: China's growing strength may yet be matched by Brazil, Russia and India, writes.** Times Higher Education Magazine. 2010. Disponível em <http://www.timeshighereducation.co.uk>. Acesso em 25 ago 2011. Richard Reynolds é editor da TSL Education Ltd,

Rússia e Índia não têm instituições no World University Rankings 2010/2011". Ele defende que China ainda pode ser igualada pelos demais integrantes da sigla, mas que embora tendo presença significativa nas tabelas classificatórias, há dúvidas sobre quão rapidamente ela pode enviar suas universidades para o topo da elite global. Há, hoje, seis instituições chinesas entre as top200, mas Philip Altbach, diretor do Centro de Educação Superior Internacional em Boston College, adverte que este é todo o seu potencial, que a China pode ter atingido uma espécie de "teto de vidro", precisando de mais reformas para realmente manter-se entre os altos escalões da elite acadêmica mundial. Diz ele que o mundo tem assistido estes gigantes começarem a reivindicar as suas posições como os principais players globais. Então "...why aren't they storming our tables?"

No caso do Brasil - salienta Reynolds - não se verificam instituições entre as top200. Apesar de produzir quase 19% da pesquisa mundial em medicina tropical e mais de 12% em parasitologia, de acordo com a classificação da Thomson Reuters, e se destacando em Ciências da Vida, sua investigação em outras disciplinas é relativamente baixa. Ademais disto, a boa relação que mantém com EUA e Reino Unido abre caminho para que o país ingresse no grupo das top, contexto em que a USP possui boa perspectiva. Também ressalta que o Brasil está experimentando um taxa significativamente rápida de crescimento, mais que no mundo desenvolvido. Com a sua força global clara na investigação das Ciências da Vida, sua presença no ensino superior mundial parece muito próxima.

A grande surpresa é a ausência de universidades russas dentre as globais, haja vista seu histórico nas Ciências Espaciais e da Física Nuclear. Todavia, após o *sputnik*, o que se viu foi o declínio de suas instituições de pesquisa. Isto seria a consequência do reduzido volume de publicações em revistas indexadas, uma vez que as publicações e volume de citações têm grande influência nas classificações. Os rankings confiam menos em medidas de reputação e muito mais nos indicadores, com base em evidências objetivas. Então o prestígio tradicional já não detém tanto peso no cômputo final das classificações. Entretanto, por razões políticas, a Rússia opta por não incentivar cooperação internacional e transferência de conhecimento, conforme frisa Elena Getalo, da Universidade Politécnica de Tomsk. E isto não é levado em conta pelos classificadores. Outro problema característico e endêmico destes países é que eles tendem a publicar o resultado de suas investigação na língua local, como acontece com o Brasil, tornado as imperceptíveis nas bases de dados usadas como contadores bibliométricos dos rankings, a exemplo da Thomson Reuters, Revistas *Nature* ou *Science*, *Science Citation Index* (SCI) e *Social Sciences Citation Index* (SSCI), que buscam publicações, sobretudo, na língua inglesa.

Já a Índia, que possui incontestável contribuição à criação de conhecimento global, está aumentando rapidamente suas possibilidades de figurar entre as globais. Um estudo recente coloca o país como o sistema de investigação e desenvolvimento em mais rápido crescimento no mundo. Os contadores bibliométricos da Thomson Reuters observaram cerca de 20.000 artigos, por ano, em 2004, com um acréscimo de 10% anual. Em 2020, a produção da Índia deve superar o total de publicações de todos os países do G7. Contribui, para isto, o fato da língua inglesa ter sido amplamente absorvida naquele país.

No contexto da América do Sul, Phil Baty³⁶ outro colaborador da Times Higher Education, publicou uma nota intitulada "*Os objetivos virão*". E defende que, ao contrário de suas equipes de futebol, as universidades da América do Sul não se pronunciaram globalmente. Mas o Brasil parece

líder em publicações educacionais no Reino Unido e mantenedora da Times Higher Education, Times Educational Supplement (www.tes.co.uk), FE Focus, entre outros.

³⁶ Baty, Phil. **The goals will come.** Times Higher Education. 2010. Disponível em <http://www.timeshighereducation.co.uk/world-university-rankings/2010-2011/south-america.html>. Acesso em 13 ago 2011.

estar pronto para marcar grandes gols, em breve. O continente da América do Sul não tem uma única instituição na lista das top200 da Times Higher Education e as instituições com maior probabilidade de entrar na lista de elite - de acordo com o especialista, estão limitadas por uma série de obstáculos na sua escalada ao topo.

Philip Altbach, diretor do Centro de Educação Superior Internacional em Boston College, diz que “*A América Latina tem vários desafios no caminho para o desenvolvimento de universidades de classe mundial*”. Uma das principais candidatas é a Universidade de Buenos Aires, mas ela possui governança pesada, burocrática e, às vezes, politizada. Funciona basicamente sob o regime de tempo parcial, que não se coaduna com uma universidade de pesquisa. Não obstante, é sub-financiada e incapaz de cobrar propinas de seus alunos.

No Brasil, talvez apenas o Estado de São Paulo tenha potencial para ter uma universidade de classe mundial, já que suas duas principais universidades são operadas por corpo docente de tempo integral, com substancial maioria de doutorados, com missão de investigação, além de adequado financiamento por parte do Estado. De fato – ressalta Phil Baty - a Universidade de São Paulo está muito perto de figurar entre as top200, como revelado em dados do World University Rankings 2010/2011. Também revelam que a Universidade Estadual de Campinas e Universidade Estadual Paulista estão “na sala de espera” das top 200.

Jamil Salmi, coordenador de ensino superior do Banco Mundial, em recente livro falando do Desafio de estabelecer Universidades de Classe Mundial³⁷, destaca o potencial e os desafios da USP, que tem “*the highest number of top-rated graduate programmes, and every year it produces more PhD graduates than any US university*”. Mas, embora seja a mais promissora universidade do país, a capacidade de gerir os seus recursos é limitada por rígidas normas. Não obstante, tem poucas ligações com a comunidade científica internacional, e baixo percentual de alunos de pós-graduação estrangeiros. É voltada para dentro, alerta Salmi, reiterando o mesmo discurso de Ronaldo Lemos, acima referenciado.

Mas a América do Sul está avançando, especialmente com a criação de sistemas de avaliação/acreditação na maioria dos seus países, e o desenvolvimento de sistemas de empréstimo a estudante no Brasil, Chile e Colômbia. Não se podem, porém, desconsiderar seus problemas crônicos, a exemplo da governança inflexível, escassez de programas de intercâmbio internacional, culturas predominantemente monolíngües e falta de visão de longo prazo para o desenvolvimento do ensino superior.

No Brasil, há incremento no número de diplomados, mais de 263%, bem acima do valor para qualquer país da OCDE. O valor para os EUA, alto para os padrões da OCDE, é de 177%. Estes dados podem sugerir melhoras. O Relatório de Pesquisa Global sobre o Brasil, feito pela Thomson Reuters, identifica o Brasil como uma força dominante dentre os “*Latin tigers*” - incluindo México e Argentina.

O relatório afirma a participação da América Latina em artigos científicos no mundo passou de 1,7%, em 1990, para 4,8% em 2008. Em 1981, cerca de 2.000 jornais tinham um endereço de autor no Brasil. Em 2008, o número já contabilizava mais de 20.000. E que a característica mais marcante da nova geografia da ciência é a escala do investimento e mobilização das pessoas por trás da inovação, impulsionada por uma visão de alta tecnologia, o sucesso na economia global. O Relatório também indica que o Brasil, em 2007, gastou £ 8,4 bilhões em pesquisa e desenvolvimento, isto equivale a cerca de 1% do PIB - bem à frente de muitos países europeus. A

³⁷ SALMI, Jamil. **The Challenge of Establishing World-Class Universities**. The World Bank. 2009. Disponível em <http://siteresources.worldbank.org/EDUCATION/Resources/278200-1099079877269/547664-1099079956815/547670-1237305262556/WCU.pdf>. Acesso em 01 ago 2011.

cada ano, o país produz 150 mil graduados e 10.000 novos pesquisadores, sendo que é nas Ciências da Vida que o Brasil mais se destaca, com 85.000 *papers* publicados em revistas indexadas pela Thomson Reuters. E assim ele conclui que...

“Brazil is an increasingly important and competitive research economy. Its research workforce capacity and R&D investment are expanding rapidly, offering many new possibilities in a rapidly diversifying research portfolio. Brazil’s profile, improving excellence, size and interface with the rest of the international research base make it an essential partner in any future international research portfolio.”